

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS CRÍTICOS LITERÁRIOS

BALANÇOS LITERÁRIOS 2017

BALANÇOS LITERÁRIOS 2017

FICHA TÉCNICA

Título: *Balanços Literários 2017*

Organização: Associação Portuguesa dos Críticos Literários

Paginação: Luís da Cunha Pinheiro

Edição: Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias,
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Lisboa, 2019

Esta publicação foi financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito do Projecto “UID/ELT/00077/2019”

Esta é uma obra em acesso aberto, distribuída sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 (CC BY NC 4.0)



Associação Portuguesa dos
Críticos Literários

Balanços Literários 2017

CLEPUL e APCL

2019

Índice

Ensaio literário 2017, por Carina Infante do Carmo	5
Palavra de poesia. Poesia 2017: Um balanço e uma projecção, por António Carlos Cortez	15
Ficção Narrativa 2017, por Maria João Cantinho	23
Literatura para crianças e jovens 2017, por Rui Veloso	31

Ensaio literário 2017

CARINA INFANTE DO CARMO¹

O ensaio faz-se a bordo dos dias. E a bordo dos livros, na leitura accidental, mais do que na dirigida. É sempre mais o tangencial que me leva ao centro, núcleo duro, pérola de ostra, nó de rizoma, ponto e ponte da fuga. Já no início, em Montaigne, é esse o *método* do ensaio: a aproximação progressiva *de si através do objecto*²

Já em 2010 João Barrento augurava um cenário distópico que vem cercando o género ensaio. Nas palavras de *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, são duas as fontes de perturbação: de um lado, “a logorreia [da trivialidade] que ameaça sufocar todas as formas de sensibilidade, e a tirania da imagem que atrofia as faculdades do pensar”³; do outro, “a iliberalidade da obra erudita que se excede em explicações, não deixando qualquer espaço, depois de ambiciosamente ter dito

¹ Universidade do Algarve/ Faculdade de Letras, Centro de Estudos Comparatistas, Universidade de Lisboa.

² João Barrento, “Geografias do acaso: Ensaio geral do ensaio”. In *O Género Intranquilo. Anatomia do Ensaio e do Fragmento*, Lisboa, Assírio & Alvim, 2010, p. 17.

³ *Idem*, p. 37.

tudo”⁴. De ambos os lados, impõe-se uma força compressora que ameaça a vibração e a inteligência do ensaio, ele que “nasce no espaço livre dos *textos*”⁵ e vive da contaminação do ensaísta com o seu objecto de estudo e escrita e do hibridismo genológico.

Este diagnóstico de Barrento converge com a ideia de condição póstuma da literatura, formulada por António Guerreiro para falar do nosso tempo, em concreto da crise das instâncias de mediação que faz retrair e marginalizar o espaço da literatura na escola, na universidade, no mundo editorial, jornalístico e, genericamente, mediático. Em causa estão regimes de comunicação e socialização da cultura, hoje hegemónicos, que propagam um presentismo triunfante, incompatível com a memória e a reflexão crítica, e deslegitimam a tradição literária como modelo identitário, patrimonial e humanístico⁶.

Parto destas duas referências para sublinhar a contradição que hoje vive o ensaio literário. Num tempo de redefinição e miscigenação disciplinar, é inegável o apuro do trabalho intelectual de várias publicações ensaísticas, em resultado da generalização do trabalho de equipas de investigação, assim como da diversificação de metodologias e objectos de estudo no domínio das Artes, das Humanidades e dos Estudos Literários. Em contraponto, bloqueiam-se os canais de disseminação do ensaio, por vezes tão afectado por excessos da linguagem especializada e pela vontade de saturar a interpretação de que fala João Barrento. O ensaio é hoje quase invisível num circuito comercial que se subordina cada vez mais à lógica da indústria de conteúdos. Tem escassa projecção pública, até porque se estiolam os canais de divulgação do jornalismo cultural, o que os meios digitais não compensam de todo, acabando por remeter a edição de ensaio editado para o quase anonimato. Por isso, são poucos os ensaios publicados que não provêm do meio universitário: parte substancial tem chancela universitária ou oficial (caso da Imprensa da Universidade de Coimbra ou da IN-CM) ou resulta

⁴ *Ibidem*

⁵ *Idem*, p. 26.

⁶ Cf. António Guerreiro, “O humanismo e as suas lições”, *Público*, 03.08.2018 <https://www.publico.pt/2018/08/03/culturaipsilon/opiniao/o-humanismo-e-as-suas-lico-es-1839658> (consulta: 10-11-2018).

da subvenção pública de projectos de investigação e de câmaras municipais e do financiamento dos próprios autores às editoras.

O fluxo de publicação do ensaio literário segue, assim, os ritmos e as linhas de rumo da investigação universitária, com a vantagem de dar visibilidade a matérias que, até há pouco, eram pura e simplesmente marginalizadas. Uma delas é a Literatura para a Infância e Juventude que tem feito caminho no sentido da construir a consistência do seu campo de trabalho. Nesse âmbito evidencia-se a editora Tropelias e Companhia, uma das chancelas do projecto editorial Trinta Por Uma Linha, que tem divulgado a investigação e acção no terreno da Rede Temática LIJMI – “Las Literaturas Infantiles y Juveniles del Marco Ibérico e Iberoamericano”, composta por investigadores de universidades ibero-americanas que estudam a produção, recepção e mediação das leituras textuais e visuais destinadas prioritariamente às faixas etárias mais jovens. Ao longo de 2017 foram várias as edições daquela rede, em obras colectivas que reúnem, ainda por sistema, estudos breves sobre géneros como o objecto-livro com destinatário infantil ou a experiência de promoção e mediação da leitura em escolas e bibliotecas, sustentada no conhecimento sobre competências de pré-literacia ou do texto literário⁷. Deste filão de estudo escolho o volume *Contar de Novo. A Escrita para a Infância de António Torrado*, organizado por Sara Reis Silva e João Manuel Ribeiro. Integrandos uma colecção dedicada a autores da literatura portuguesa infanto-juvenil contemporânea, o conjunto de breves ensaios aí recolhidos tem um objectivo propedêutico: o de traçar linhas essenciais de leitura sobre a obra daquele escritor e também o de contribuir para o estatuto de maioridade da literatura para crianças e jovens na instituição literária portuguesa.

⁷ Aí cabem títulos como *Primeiros Livros, Primeiras Leituras / Primeros Livros, Primeras Lecturas*, com coordenação de Ana Cristina Vasconcelos, Marta Neira Rodríguez e Sara Reis Silva e *Aproximações ao Livro-Objeto. Das Potencialidades Criativas às Propostas de Leitura*, organizado por Ana Margarida Ramos. Acresce a colectânea de José António Gomes, *A Música das Palavras*, sobre a poesia portuguesa contemporânea para infância no diálogo com a música de Fernando Lopes-Graça, Francine Benoît e Suzana Ralha, resultante de um projecto desenvolvido na Biblioteca Municipal de Ílhavo, entre 2012 e 2017.

A lógica universitária está igualmente presente num conjunto de títulos que resultam de congressos ou fazem a sondagem poliédrica e muito consistente de escritores essenciais da literatura e cultura portuguesas cujo centenário se comemorou em 2016. A Mário Dionísio dedicaram Kelly Benoudis Basílio e Maria Alzira Seixo a organização do *ebook Como uma Pedra no Silêncio. Recordar Mário Dionísio no Centenário do seu Nascimento* (Centro de Estudos Comparatistas – CEC, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa): esta edição trata em profundidade o trabalho rigoroso, contínuo e eclético de Dionísio como ensaísta e poeta mas também como pintor e professor, assim protagonizando, ao longo de décadas, no pensamento e na criação artística, a centralidade política da arte e o seu papel na emancipação humana. Por seu lado, a Ana Paula Coutinho, Isabel Pires de Lima, Joana Matos Frias e Jorge Costa Lopes coube coligir os estudos reunidos em *Vergílio Ferreira – Escrever e Pensar ou O Apelo Invenível da Arte* (Âncora, da responsabilidade científica do Instituto Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto). Os artigos concentram-se no ensaio, no romance lírico e no diário de Vergílio Ferreira e potenciam cruzamentos dialógicos com outras expressões artísticas e, sobretudo, com outros escritores e pensadores portugueses novecentistas.

Integrado na comemoração do centenário do mesmo autor e imbuído de uma lógica de síntese e divulgação, inerente à coleção em que é editado, situa-se *O Essencial sobre Vergílio Ferreira* (IN-CM), de Helder Godinho. Este especialista no escritor em questão faz a súpula de uma obra central na prosa portuguesa do século passado. Identifica a linha de rumo consequente e não contraditória do humanismo de Vergílio Ferreira, desde a fase neo-realista e depois, de forma mais sistemática, na fase existencialista, materializada em temas e imagens que traçam um movimento de eterno retorno ou de tema e variação: assim se identificam obras-charneira de Vergílio Ferreira – sem nunca perder de vista a voz citada do escritor – onde confluem e se contaminam a ficção, o lirismo e a densidade filosófica.

Também em resultado de congressos realizados no triénio 2014-2015-2017, foram editados três volumes dedicados a *Teixeira de Pascoaes*, com coordenação geral de Sofia A. Carvalho e coordenação científica de Annabela Rita e José Eduardo Franco

(Câmara Municipal de Amarante e CLEPUL, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa). Reúnem eles um número muito significativo e relevante de estudiosos na obra daquele escritor e pensador, em função de três tópicos centrais: “As Biografias no Pensamento Português” (vol. I), “A *Arte de Ser Português* e a Renascença Portuguesa” (vol. II) e “Pensamento e Missão” (vol. III).

Assinalo a colectânea organizada por Joana Meirim, *E a Minha Festa de Homenagem. Ensaios para Alexandre O'Neill* (Tinta da China), também ela fruto de um colóquio comemorativo dos trinta anos da morte de Alexandre O'Neill. Sem deixar de tratar explicitamente a identificação do autor de *Feira Cabisbaixa* com o surrealismo, estes artigos permitem assinalar várias intersecções histórico-literárias da sua obra, indo além da modernidade estética até à sua estirpe clássica, e cobrem os vários géneros que ele cultivou ao longo da sua carreira: poesia, crónica, publicidade, teatro, tradução. Sublinha-se, por outro lado, a modulação satírica e genericamente *não lírica* da sua poética, capaz de introduzir a palavra da dissensão e da violência, o choque perceptivo ou sensível e, como tal, um forte matiz político.

O conjunto de ensaios publicados em 2017 voltam a eleger predominantemente a matéria literária portuguesa e contemporânea. Como excepção sobressaem três títulos. Dois sobre o período clássico, hoje relegado, como sabemos, para um nicho de estudo e edição muito restrito dentro dos nossos Estudos Literários: os *Estudos sobre o Padre António Vieira* (2 vols., IN-CM), cuja coordenação se deve a Arnaldo do Espírito Santo, Ana Paula Banza, Cristina Pimentel, Isabel Almeida e Manuel Cândido Pimentel, renovam a leitura dos sermões e do pensamento e acção de Padre António Vieira, conforme a marca da sua performatividade, padrões argumentativos e reflexões éticas; e de Cidália Alves dos Santos, *La Influencia de Os Lusíadas de Camões en la Épica en Castellano (1578-1627)* (Imprensa da Universidade de Coimbra), que, por via da análise da intertextualidade camoniana na épica castelhana, dá evidência à prática da estética da imitação e aos cruzamentos literários na Península, em plena União Ibérica. E ainda um terceiro ensaio, desta feita com viés filosófico e referente brasileiro: *A Flor Amarela. Ímpeto e Melancolia em Machado de Assis* (Quetzal), onde Anabela Mota Ribeiro des-

vela, com finura crítica, o substrato pessimista (de fonte schopenhaueriana e nietzschiana) daquele grande prosador brasileiro, tendo por contrapeso vitalista o ponto de vista do narrador de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e, em última instância, o próprio exercício da escrita.

Sobre a contemporaneidade destacam-se duas obras que se concentram em autores marcantes da segunda metade de novecentos e os estudam mais pelos códigos estético-linguísticos do que pelo seu enquadramento histórico-literário; uma vez mais, a proveniência é acadêmica. Em primeiro lugar, Rita Basílio, em *Manuel António Pina, uma Pedagogia do Literário* (Documenta) que resulta da tese de doutoramento da autora. Sem querer fixá-lo em movimentos ou períodos literários (nem mesmo na chamada *pós-modernidade*), a ensaísta lê uma verdadeira pedagogia do literário em Manuel António Pina: as premissas remontam à reflexão sobre o processo de criação do próprio poeta; os fundamentos são os dispositivos e instrumentos analíticos da escrita e os temas-motivo, como a morte, a infância, a língua e a memória, sempre assomados pela experiência da falta e do próprio rasto, que fazem da literatura um espaço de escuta das vozes de quem agora escreve. Depois, *Luísa Dacosta – Espelhos de Palavra In Memoriam* (Opera Omnia), em que Paula Morão reúne textos de alunos de pós-graduação da Faculdade de Letras de Lisboa: aí a matéria são a crónica e o romance autobiográfico da escritora, falecida em 2015, sempre fundamentada na análise de texto e de acordo com uma dupla questão: de um lado, a escrita intimista, a autoconsciência de si, da memória e da escrita, e do outro, a escuta e a atenção realista ao mundo dos homens.

Sob um ângulo que recua até ao limiar do século XIX e chega à actualidade, não posso esquecer Álvaro Manuel Machado, em *O Significado das Coisas. Ensaios de Literatura Portuguesa* (Presença), Prémio *ex aequo* de Ensaio Jacinto do Prado Coelho, da Associação Portuguesa dos Críticos Literários. Composto por ensaios publicados desde 2007, o livro é uma metonímia do percurso do crítico literário (“uma nova tentativa de síntese”⁸, chama-lhe ele), aonde confluem trilhos antigos do seu saber so-

⁸ Álvaro Manuel Machado, *O Significado das Coisas. Ensaios de Literatura Portuguesa*, Lisboa, Presença, 2017, p. 9.

bre a literatura portuguesa moderna e contemporânea: em especial, a sua diletta *Agustiniana*, o Pré-romantismo, a Geração de 70 ou o tema do francesismo, sempre a partir da óptica comparatista.

Num escopo temporal idêntico, Carlos Nogueira, com *São Feitas de Palavras as Palavras. Ensaio de Literatura Portuguesa* (Edições Lusitânia), explora a poesia e a prosa portuguesas, de Nicolau Tolentino a Daniel Faria, de Camilo a Valter Hugo Mãe. Ciente dos limites da linguagem, o título do livro convoca, desde logo, o eco de versos de Manuel António Pina: com eles rediz o que Bakhtine entendeu como dialogia, radicando no cruzamento infinito com a voz de outros o trabalho da poesia, da crítica literária e, como sua extensão indissociável, o ensino da Literatura.

Por seu turno, *Jorge de Sena “Aqui no Meio de Nós”* (Colibri), de Fernando J. B. Martinho, Prémio Jorge de Sena 2016, é um ensaio monográfico sobre um nome determinante do nosso século XX literário. Assim se explora a fidelidade do crítico a um seu escritor dilecto, com quem privou na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara. O volume testemunha um trabalho aturado de mais de quatro décadas sobre um lirismo lucidíssimo e culto, a relação dinâmica e crítica de Sena com a tradição clássica, em particular com a poesia quinhentista e o soneto, o diálogo íntimo que sempre estabeleceu entre poesia e crítica. Aí está o húmus da radical modernidade de Sena, fundada no quadro dos *Cadernos de Poesia* e no contraponto maduro a Pessoa: veio assim a configurar uma poética do comprometimento e do testemunho com o mundo e o seu tempo que, nas palavras de Fernando J. B. Martinho, explica Sena num “radical desamparo em que o sujeito poético julga irrisório apresentar-se ou ver-se como um espectáculo”⁹. A historicidade de Sena é ainda entendida neste ensaio como energia vivificadora para autores seus contemporâneos, caso de Nemésio, Sophia, David Mourão-Ferreira ou até Ruy Belo, e para os que vieram um tanto depois, Vasco Graça Moura, Gastão Cruz, Nuno Júdice e outros.

A Literatura Comparada constitui a área disciplinar mais dinâmica dos Estudos Literários na actualidade. Neste âmbito,

⁹ Fernando J. B. Martinho, *Jorge de Sena “Aqui no Meio de Nós”*, Lisboa, Colibri, 2017, p. 45.

sobressaem duas edições da Imprensa da Universidade de Coimbra. *The Edge of One of Many Circles. Homenagem a Irene Ramalho Santos* organizado por Isabel Caldeira, Graça Capinha e Jacinta Matos, homenageia uma decana da Americanística na Universidade Portuguesa e os frutos que lançou na relação transatlântica e ao longo de quatro décadas de trabalho. Os dois volumes contemplam testemunhos, poemas de homenagem e, acima de tudo, artigos de natureza científica de autores portugueses e estrangeiros que contemplam o domínio da Poética, Literatura Comparada, Estudos Anglo-Americanos, Estudos Feministas, Estudos Culturais e Estudos Pessoaanos.

Também em intercepção disciplinar se situam os estudos de *Narrativa e Media: Géneros, Figuras e Contextos* reunidos por Ana Teresa Peixinho e Bruno Araújo, na medida em que cruzam os saberes das Ciências da Comunicação, dos Estudos Literários e dos Estudos Narrativos. Afinal de contas, os termos textuais e discursivos da narrativa (ficcional ou factual e os seus híbridos, que hoje fazem perigar a própria existência do jornalismo) são a matriz representacional dos *media* impressos, audiovisuais e digitais. As narrativas mediáticas da actualidade confirmam a forma como o conhecimento, os sentidos e os valores são reproduzidos e circulam na sociedade, quando até há poucas décadas eram, em larguíssima medida, veiculados e, sobretudo, legitimados pela literatura.

Para encerrar, devo dar um sublinhado especial a três títulos que exemplificam, na sua diferença, como obras de maturidade, a definição de ensaio apurada por João Barrento: uma escrita vibrátil e aberta, contaminada pelo seu objecto de estudo, uma ruminação auto-reflexiva do género e do ensaísta, experimentação e deriva que nasce no espaço livre dos textos e uma linha avançada de defesa da tradição literária como instrumento privilegiado para reconhecer uma continuidade com o passado. Todos os três são exercícios sobre a memória literária e artística e cruzam o trabalho da Crítica, da História e do Testemunho. Por sinal, são editados por chancelas que levam a cabo um projecto editorial de resistência e nenhum deles segue o Acordo Ortográfico de 1990.

Primeiro, *Camões e Outros Contemporâneos* (Presença), de Hélder Macedo, Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coe-

lho da APE e Prémio D. Diniz 2018, atribuído pela Fundação da Casa de Mateus. O aparente inusitado do título pressupõe afinal um conceito constelar e dialógico de tempo histórico. Assim são os termos usados pelo ensaísta: “Contemporâneos são todos aqueles com quem vivemos. Daí o título desta colectânea de ensaios e de testemunhos, com Luís de Camões em predominante recorrência entre D. Dinis e Herberto Helder.”¹⁰ A elasticidade trans-histórica do olhar crítico (com ensaios e testemunhos sobre autores como D. Dinis, Sá de Miranda, Sophia de Mello Breyner Andresen, Eça de Queiroz ou Herberto Helder) fundamenta-se na leitura da letra dos textos e recusa-se a arrumar os autores em gavetas periodológicas e sentidos redutores. E fá-lo numa escrita limpa de mestre do ensaio que não se exime à afectividade e à implicação autobiográfica do testemunho.

A escrita sagaz, poética e filosófica de Maria Filomena Molder, em *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais* (Relógio d'Água), tem uma respiração longa: explora motivos trans-históricos, como a viagem em Homero, Dante e Pessoa, ou procura a definição lapidar da poesia pelo desejo humano de dizer, pela fala de viva voz como “respiração boca-a-boca”¹¹. Assim o fazem poetas portugueses contemporâneos, Manuel Gusmão, Herberto Helder, Joaquim Manuel Magalhães ou Ana Hatherly. Em causa está um sentido de intempestividade e de inactualidade da poesia, este último congénere do conceito de contemporâneo, formulado por Hélder Macedo. Este ensaio tem o chão seguro da matriz humanística: a tragédia clássica, Montaigne e a cultura literária alemã, Goethe, Hölderlin, Waburg, Wittgenstein, Benjamin. A este último Maria Filomena Molder deve o fulgor do fragmento em deriva que emula a escrita literária; abre pequenas bolsas ficcionais, revela as costuras do seu texto, procura o tom do poético, nas sendas da mortalidade de quem escreve. Benjamin pode até ser, senão o seu *alter ego*, pelo menos a sua projecção modelar: “[. . .] com a morte voltam as estrelas, para ele [Benja-

¹⁰ Helder Macedo, *Camões e Outros Contemporâneos*, Lisboa, Presença, 2017, p. 11.

¹¹ Maria Filomena Molder, *Dia Alegre, Dia Pensante, Dias Fatais*, Lisboa, Relógio d'Água, 2017, p. 72.

min] um outro nome para as obras de arte, que não salvam a noite (a noite transfigurada mas não salva) só a iluminam.”¹²

A terminar, Ana Luísa Amaral, em *Arder a Palavra e Outros Incêndios* (Relógio d'Água) – Prémio *ex aequo* de Ensaio Jacinto do Prado Coelho 2018 da Associação Portuguesa dos Críticos Literários – coloca-se sob o signo da metáfora ígnea e alumbrada da poesia. Com ela reivindica a dimensão gnosiológica, ética e política da palavra literária, historicamente situada entre a modernidade estética e a contemporaneidade portuguesa e anglo-americana. O conjunto de dispersos e inéditos aqui coligidos trata a palavra na relação com o mundo, de acordo com pressupostos das Poéticas Comparadas e dos Estudos de Género, Feministas e *Queer*: aí cabem a linguagem corporal de Emily Dickinson, a construção de *identidades fluídas* em *Novas Cartas Portuguesas*, o diálogo comparatista entre *The Waste Land*, de Elliot, e *A Cena do Ódio*, de Almada, ou a infixidez do sujeito e das fronteiras corporais em Sá-Carneiro. Em todos eles se dá a ver a tangência ao político do corpo que escreve, marcado pela diferença sexual, por regimes de identidades do sujeito e relações de poder que modelam os textos, mas também o desenho do cânone literário e das suas margens, nomeadamente da chamada *escrita feminina*. Em simultâneo, e sem contradição, Ana Luísa Amaral faz do ensaio a tal “aproximação progressiva *de si através do objecto*”, de que fala Barrento. Seja quando simula redigir uma conferência futura, como se falasse e expusesse os afectos do seu exercício de pensar, seja, a encerrar o livro, na peça-de-teatro-ensaio em que Almada e outras vozes falam a *língua da poesia* e confirmam o quanto a escrita se faz do que se lê e é ela mesma um gesto criador de mundos.

¹² *Idem*, p. 14.

Palavra de poesia

Poesia 2017: *Um balanço e uma projecção*

ANTÓNIO CARLOS CORTEZ¹

1. A diversidade das publicações de poesia, a existência de inúmeras chancelas editoriais que, mais pequenas e marginais, ou consagradas e de circulação mais fácil, publicam poemas de autores anónimos ou de outros que o público mais familiarizado reconhece, essa é uma primeira constatação. É de realçar o que a Artefacto continua a publicar (Guilherme Flores, com *Carvão*, é uma descoberta a reter para o futuro, para além de *Bruma Luminosíssima*, de Luís Falcão), a par da editora Língua Morta que, com Andreia C. Faria (*Tão bela como qualquer rapaz*), comprova a sua importância no mercado livreiro, apesar de ser um projecto similar, nas intenções e na lógica de publicações, com a Averno. Nesta colecção, o mais recente livro de José Miguel Silva (*Últimos Poemas*) é o ponto alto de uma ortodoxia poética que todos conhecemos. Entre o desprezo pelo que na poesia são arranjos retóricos e a aceitação de uma sintaxe plena, como se dilui aqui o dogma do anti-lirismo e do anti-discursivo? Realismos à parte e reduzidos à dimensão ridícula os ódios de estimacão com que se supõe defender-se a ética na poesia e na

¹ Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (CLEPUL).

crítica, conceda-se no óbvio: estas editoras, até por patrulharem o gosto, constituem focos de tensão que levam a reacções necessárias. A *Douda Correria* e a *Abysmo* constituem dois planos dessa reacção, por muito que, em alguns casos, o síndrome da imitação de vozes supostamente inovadoras continue a provar que o mimetismo é muito mais frequente do que o desejável.

2. Num outro plano, atendendo ao que a Assírio & Alvim publicou, retenhamos os livros de Golgona Anghel e de Gastão Cruz. *Nadar na Piscina dos Pequenos* e *Existência* são formas diferentes de questionamento da poesia na vida e da vida na poesia. Golgona, podendo ceder, por vezes, na dimensão mais derrisória do discurso, é uma poderosa voz que, dirigida à instituição literária, não coloca apenas a tónica na dessacralização (séria) do poético. A tónica do seu livro é outra também: é o fluxo interior de uma voz em cena o que se expõe; uma voz cindida, que se auto-destrói, como se as lições de Cesariny, ou de António Maria Lisboa (dois dos nossos defensores de uma destruição para reconstruir), tivessem de ser continuamente reactualizadas para que sejam modernas, já que Golgona, à semelhança de outros mestres, sabe que ficou chato ser eterno.

No caso de Gastão Cruz, *Existência* é, na merencória expressão de balanço de um percurso de vida, o caso mais evidente de como a tradição camoniana se mantém viva e de como essa tradição clássica se eterniza num dos mais poderosos fazedores da língua. Mas não convém esquecer Sá de Miranda e Pessanha, alguns românticos ingleses e alguns simbolistas – Byron e Keats, Blake e Verlaine, Rimbaud –, pois a consciência linguística no autor de *Existência* se diz muito sobre o gesto de retrospectiva quanto à memória literária, igualmente diz muito sobre o nosso presente poético, que muitos pretendem ver como museu em ruínas. Memória e historicidade, a poesia de Gastão Cruz não pode dizer-se sem essa palavra hoje perigosa: tradição. É que o autor de *O Pianista*, tal como fizeram Fiama e Luiza Neto Jorge, convoca para uma época desconcertada como a nossa, a exigência ética da palavra criativa e rigorosa renunciando a vulgares projectos assentes numa poética de grau zero. A

linhagem a que pertence reclama-se desse romantismo que pensou a linguagem como lugar da estilhada subjectividade e do simbolismo e modernismo como tendências da poesia moderna onde a linguagem espelha porque coloca em choque as diversas camadas da gramática, inovando dentro dessa estrutura. A consciência oficial que lhe vem da leitura atentíssima de Carlos de Oliveira, Sophia e Ruy Belo; do magistério de António Ramos Rosa, da noção de *ostinato rigore* aprendida em Eugénio de Andrade dá-nos aquele “trabalho da plaina portuguesa” num contínuo trânsito verbal entre o registo de emoções e o labor intelectual, crivo necessário para não se cair numa exasperação inusitada. Camoniano no modo como a visão do mundo exige uma linguagem tensional caracterizada pelo hipérbato, pelo gosto da elipse e pela imagem, Gastão Cruz é esse “ourives-gravador” que, desde *A Morte Percutiva* (1961) faz do discurso poético uma permanente renovação das formas. *Existência* um livro inescapável. Não o referir num balanço de ano constitui, no mínimo, um esquecimento primário; no limite, um acto de agressão contra a memória histórico-literária.

Dois livros ainda: o de Luís Quintais, com que prolonga e responde a *O Vidro*, numa construção mais próxima de livros como *Angst* ou *Duelo*, ainda que correndo o risco de romper com uma fala apocalíptica, por vezes de tonalidade profética, de que é o mais acabado fazedor. E o livro de Jaime Rocha, *Preparação para a Noite* (Relógio d'Água) onde o hermetismo se equilibra com a figuralidade da escrita – de uma escrita fantasmática – que leva o leitor a perguntar-se qual a fronteira, no autor de *Necrophilia* (2010), entre a construção da psicologia daquelas vozes que actuam no palco da escrita e a gestualidade do poema que, na sua linguagem, transpõe para esse palco o que só na alma daqueles seres que falam deveria ficar.

3. A luta contra o esquecimento é na poesia de Manuel Alegre o *leitmotiv* da sua estesia. Trabalha o poeta em *Auto de António* (Dom Quixote) a figura do Prior do Crato e, numa engenhosa construção dramático-lírica, chama-o para a nossa época como emblema trágico de um país refém dos seus mitos e símbolo re-

divivo de uma resistência sempre urgente contra os desmandos de europas e américas, ou outros centros de poder.

Trata-se, na verdade, de um livro que, entre a linguagem mais coloquial e a elevação épica, está ancorado no diálogo com o Jorge de Sena de *O Indesejado* e uma mitografia que não esquece os contributos dos trabalhos de António Borges Coelho ou de Urbano Tavares Rodrigues. A poesia, no caso de Alegre, é uma contínua injunção, nos ritmos e na temática, na força da sua mensagem, aos que, com outras armas, pretendem silenciar a tradição lírica ou declarar que de nada valem palavras como “memória”, “português” ou “música”.

Também com chancela da Dom Quixote, Nuno Júdice se faz neste seu livro um atento leitor do passado. Irónico leitor quando está em causa, a partir de cenas antigas da cultura, interpretar o presente de uma Europa refém dos tecnocratas. Em *O Mito de Europa* há, no que à linguagem respeita, um regresso de Júdice à sumptuosidade imaginística que caracterizava alguns dos seus primeiros títulos. Uma irrupção de imagens vindas daquele romantismo mais tenebroso, feito de mares ignotos, barcos à deriva, marinheiros loucos, mulheres-cidades percorridas como paisagens devastadas, vozes fantasmáticas, tudo concorre para ser este um dos conjuntos mais fortes de Júdice. A nocturnidade do mundo ecoa num livro poderosamente desafiante. É que o poema longo em Nuno Júdice torna-se o lugar onde uma voz torrencialmente narrativa analisa a história desmontando-lhe estruturas subterrâneas, sem deixar de ser a onírica fala de um sujeito que extravasa a história e a coloca em tempos e grafias, mapas e mitos que a redefinem como sucessão de cenas de uma humanidade à deriva. Ler a Europa como mito – Aylan Kurdi, emblema e símbolo do nosso continente – é, aqui, tecer um discurso nómada, que da Síria a Palmira, de Lisboa a Londres, interpreta o “céu nocturno” da alegria falsa com que a Europa se diz ainda continente habitável.

4. Outras vozes: Rosa Oliveira, com *Tardio*, na Tinta-da-China, e, também na Tinta-da-China, as traduções de Jacques Roubaud e de John Berryman e ainda as edições das obras de

António Reis e de Rui Knopfli. No caso de Rosa Oliveira este seu segundo livro mostra bem (como Gusmão em 1990 ou António Osório, em 1972) que chegar tarde à literatura é um ganho. Pesanha e Nobre, e antes deles Cesário, ou Irene Lisboa, poetisas de obras breves, comprovam uma coisa simples: independentemente da idade e do número de livros editados (celebridades recentes da geração nascida em 1960/1970 publicaram em dez anos uma vintena de títulos, livrinhos e livrecos. . .), bastam um ou dois volumes de inéditos para fazer agitar as águas paradas da pseudo-marginalidade triunfante. Lembro, a reboque deste balanço de ano, um nome ignorado: Fernando Eduardo Carita, autor de três livros, agora com obra reunida (incluindo conjuntos inéditos) pela Licorne. Nas edições Les Tallis Près vieram a lume *A Salvação pelo Vazio* (2008), *A Casa O caminho* (2011) em traduções de Marie-Claire Vromans, mas Carita, que poucos conhecem, viu poemas seus publicados na *Colóquio-Letras* e mereceu a atenção de Yves Namur em terras francófonas, estando recenseado na *Lire*. É, depois de Daniel Faria, e a par de Tolentino Mendonça, a grande voz de uma poesia espiritual que tem em Juarroz a sua origem. Impõe-se divulgá-lo.

Uma chamada de atenção: a colecção dirigida por Pedro Mexia, no que respeita às traduções de poesia não só vem preencher uma lacuna no espaço literário, como nos dá traduções de autores que cabem no critério estético da editora dirigida por Bárbara Bulhosa. Mas Mexia aposta também em vozes que se afastam de certo padrão poético. Para além das traduções, há edições de poetas portugueses que marcam a geografia recente. Mexia persegue três finalidades, todas de louvar: **divulgar** obras que são hoje de difícil acesso (Reis e Knopfli), **promover** autores ainda inéditos que encontram na dita colecção um lugar de partilha adentro de noções de arte literária que o responsável da colecção, com flexibilidade, postula (Cláudia R. Sampaio, Rui Córias são dois exemplos dessa flexibilidade e gosto); **defender** a própria poesia das formas mais hipócritas de imposição que certo jornalismo, que se diz cultural, impinge. É certo que a Relógio d'Água e a Assírio & Alvim possuem, nos seus catálogos, inúmeros autores traduzidos (Baudelaire, T. S. Eliot, Sandro Penna, Lope de Vega, Garcilaso, Montale, Saint-John Perse) e têm, nos últimos anos, revelado poetas jovens portugueses que

chegam agora a mais leitores (Frederico Pedreira, Filipa Leal, Daniel Jonas). Todavia, a Tinta-da-China, ao propor poetas menos canônicos, afirma a importância da heterodoxia como gesto em si mesmo poético, livre e consciente, pois na poesia são inumeráveis as águas em que se pode mergulhar.

5. Prêmios: No sistema literário, os prêmios servem de regulação de outras instâncias (universidade, jornais de referência, revistas). São instrumentos de validação não apenas de uma obra literária, mas do próprio sistema em si mesmo considerado. É o funcionamento do cânone o que podemos ver em processo. Mal ou bem atribuídos, haverá quem defenda que os prêmios institucionais (o Prêmio Camões, o da APE, o das Correntes d'Escritas, o do PEN, o Prêmio Luís Miguel Nava, o da Fundação Inês de Castro ou o Prêmio LER, por exemplo) apenas consagram quem não necessita desses prêmios. Não só é uma leitura ingênua, como é injusta. Pode-se lamentar e contestar, mas a perspectiva bélica do campo literário está ancorada na maledicência e na inveja, na ignorância e no mau gosto e isso deturpa a compreensão da própria dialéctica do campo. Que este ou aquele prêmio tenham sido atribuídos a este ou àquele poeta e possamos ter restrições, nada obsta. Mas vai sendo cada vez mais comum, nas redes sociais e ao abrigo de uma suposta invisibilidade, toda ela feita de cobardia, os ataques mais sórdidos. É um sintoma – grave – de que nem no campo cultural escapamos à degradação de valores a preservar. Com os prêmios deste ano viu-se bem quanto a nossa república das letras deve muito aos mestres que diz seus. Cesário Verde, que na literatura via “um campo de manobras”, continua a ser actual. Os livros publicam-se, a poesia faz-se. O resto é literatice.

6. Alegações finais. Duas editoras: Elsinore, que nos fez chegar às mãos uma antologia de poesia brasileira (*Naquela Língua*) e um livro de Ben Lerner, *Ódio à Poesia*, ensaio que desconstrói mitos do ensino da linguagem poética e coloca o dedo na ferida: quem ensina poesia não entende a arte que ensina, daí

a suspeita de alguns quanto ao discurso poético. Finalmente a Cotovia: projecto que se mantém vivo, atento e que, pese embora a fragilidade de algumas publicações (a antologia brasileira com prefácio de Adriana Calcanhoto é disso claro exemplo, apesar da nossa primeira adesão), continuará sendo das principais marcas definidoras do bom senso e do bom gosto. Bom senso e bom gosto: não é pedir muito para 2018.

7. Para o ano há mais: Tatiana Faia, que tem publicado em editoras discretas (na Artefacto publicou primeiramente *Lugano* e mais recentemente na Enfermaria 6 saiu o seu excelente livro de narrativas, *São Luiz dos Portugueses em chamus e outros contos*), essa é das vozes que esperamos ver numa editora forte em 2018. Também Paulo Tavares (responsável pela Artefacto e autor de *Minimal Existencial* e de *Capitais*, importantes viagens à poesia urbana) tem de regressar, bem como outros – Paulo Teixeira e Fernando Luís Sampaio –, nomes sem os quais a poesia de hoje permanece incompleta. Publicá-los irá, decerto, mostrar que o ecletismo das propostas de linguagem é, na poesia, como no romance, a melhor prova de que há herdeiros para os filhos de Álvaro de Campos. As revistas, de todas as sensibilidades, têm, neste contexto, uma importância capital: que possam continuar a ser a plataforma de onde se lançam renovadas experiências, eis o que se deseja. Da *Relâmpago* à *Colóquio-Letras*, passando pela *Devir* e pela *Cão Celeste*, aos jovens da *Apócrifa*, sem esquecer outros órgãos onde a divulgação poética é a travessa-mestra da intervenção cultural e de que quero destacar a *Ítaca*, a *Telhados de Vidro* e a revista *A Ideia* (dedicou a Bocage no seu último e extenso número uma atenção mais que justa), é nesse tipo de publicações que o questionamento permanente dos lugares que a literatura ocupa acontece.

Nota da Direção da APCL

Em 2017, António Carlos Cortez publicou *Corvos Cobras Chacais* (Ed. Jaguatirica), uma série de 39 poemas em prosa. Este livro foi semifinalista do Prémio Oceanos.

Ficção Narrativa 2017

MARIA JOÃO CANTINHO¹

O ano de produção de 2017 na ficção portuguesa foi abundante (em número de títulos). Porém, eu selecionaria aqui cerca de uma quinzena de obras dessa vastíssima produção literária, cuja ordem não corresponde a nenhum critério específico de selecção: Luís Osório, *A queda de um Homem* (Teorema), Cristina Almeida Serôdio, *A Casa das Tias* (Teorema), Hugo Mezena, *Gente Séria* (Planeta), Sandro William Junqueira, *Quando as Girafas Baixam o Pescoço* (Caminho), Rui Nunes, *Baixo Contínuo* (Relógio d'Água), H. G. Cancela, *As Pessoas do Drama* (Relógio d'Água), Carla Pais, *Mea Culpa* (Porto Editora), João Pedro Porto, *A Brecha*, (Quetzal), Paulo Morais, *Seja Feita a tua Vontade* (Casa das Letras), Rodrigo Guedes de Carvalho, *O Pianista de Hotel* (Dom Quixote), Sérgio Godinho, *Coração mais que perfeito* (Quetzal), João Pinto Coelho, *Os Loucos da Rua Mazur* (editora Leya e Prémio Leya de 2017), Bruno Vieira Amaral, *Hoje estarás comigo no paraíso* (Quetzal), Eduardo Agualusa, *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários* (Quetzal), Teresa Veiga, *O Último Amante* (Tinta da China), Mário Cláudio, *Os Naufrágios de Camões* (D. Quixote), João Reis, o seu segundo romance, intitulado *A Avó e a Neve Russa* (Elsinore) e o romance de Carlos Vale Ferraz, *A Última Viúva de África* (Porto Editora).

¹ Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

A estreiar-se no romance, pareceram-me particularmente interessantes três autores: Carla Pais, com *Mea Culpa* (Porto Editora), Hugo Mezena, com *Gente Séria* (Planeta) e Luís Osório, com a sua obra *A Queda de um Homem*. Temáticas completamente diferentes, mas que indiciam um sério trabalho de linguagem, em todos os casos. Se, em Hugo Mezena, a técnica narrativa é menos elaborada, no entanto a depuração da sua linguagem e a força da mesma definem a sua intensidade e inscrevem-no numa linha de escritores a seguir. Luís Osório, jornalista de profissão, já havia publicado obras de menor fôlego, mas irrompe neste livro com uma técnica narrativa original e composta por *flashbacks*, trabalhando bastante o tema da memória e o universo do inconsciente numa trama cativante.

Também Sérgio Godinho aparece com o seu primeiro romance, ainda que já tivesse publicado ficção antes (teatro, contos infantis), intitulado *Coração mais que perfeito*. Assumindo um ponto de vista feminino e narrando a história de Eugénia na primeira pessoa, recorda aqui o seu destino inverosímil, os seus momentos de felicidade e dissabores da vida, a sua capacidade de se reerguer e continuar a viver, após a perda de um grande amor.

Porém, a voz mais surpreendente é mesmo a da jovem escritora Carla Pais, em *Mea Culpa*, obra violentíssima e descrita numa linguagem crua e sem qualquer embelezamento. Narra a história de Amadeu, um prisioneiro injustamente acusado e que sai da cadeia ao fim de dez anos. É uma descida aos infernos e também, ao mesmo tempo, uma história tocante entre dois seres que apenas se têm um ao outro e a companhia de um cão. Apesar de uma técnica narrativa relativamente simples, as suas personagens são traçadas a pinceladas fortes e sem concessões, o que deixa entrever uma escritora prometedora.

Um dos casos a assinalar como uma das melhores obras de 2017 é a de um autor que publica o seu segundo romance, João Pinto Coelho, com *Os Loucos da Rua Mazur*, que foi o vencedor do Prémio Leya 2017. Mergulhando no universo da Segunda Grande Guerra, na Polónia, o autor cria uma narrativa envolvente, que tem o seu início em Paris, em 2001. Yankel, um livreiro cego, recebe a visita de Eryk, um amigo de infância que não vê desde um incidente terrível, durante a ocupação alemã,

na cidade onde ambos haviam crescido. Após tantos anos sem se verem, Eryk, que é agora um escritor famoso e se encontra doente, decide escrever o seu último livro, mas, para tal, precisa da memória do seu amigo judeu Yankel. Assim, a obra *Os Loucos da Rua Mazur* resulta desse mergulho no passado, que há-de redimi-lo. Durante vários meses, a luz ficará acesa na Livraria Thibault. Enquanto Yankel e Erik mergulham no passado, sob o olhar atento de Vivienne, aparecerá a história de uma cidade que sempre foi um território doloroso, durante a Segunda Grande Guerra, ocupado por alemães e soviéticos e onde foram perpetrados os maiores crimes contra os judeus. O que o romance de João Pinto Coelho revela é a sua escrita exímia, bem como uma galeria de personagens extraordinários, como já acontecia no seu primeiro romance *Perguntem a Sarah Gross* (D. Quixote). Igualmente tocante é o romance de João Reis, *A Avó e a Neve Russa*, cuja voz narrativa é a de uma criança de dez anos, que procura trazer a sua avó russa, e que vive mergulhada nas memórias da sua terra natal, ao presente e devolver-lhe a esperança. Relata-se aqui, a partir do olhar da criança, a sua viagem do Canadá ao México, em busca de uma planta secreta que possa salvar a sua avó e a família. Romance raro pela luz da esperança que transmite e pela inocência do olhar do garoto, resgatando esse deslumbramento que a infância sempre nos traz.

Um dos regressos mais surpreendentes é o de Rodrigo Guedes de Carvalho com o seu quarto romance, *O Pianista de Hotel*. É um livro vigoroso, onde se cruzam diversas histórias e planos, numa estrutura de montagem, em que a música adquire um poder redentor capaz de redimir a solidão e o vazio das personagens. Num registo mordaz e depurado, Rodrigo Guedes de Carvalho constrói assim um *thriller* psicológico muito bem urdido na sua trama. Igualmente interessante é o romance *A Casa das Tias*, de Cristina Almeida Serôdio, que reconstitui, a partir de uma herança de uma casa, toda a história de uma família, em linguagem escorreita e ágil, utilizando um dispositivo constituído por pequenos retratos e breves descrições, de episódios ali passados, entre as figuras da casa. É a visita à casa, fechada há muitos anos, que desperta fragmentos e memórias estilhaçadas, a partir das quais a autora inventa e compõe esta história.

Um pouco no mesmo registo de ficção, os contos de Teresa Veiga, escritora discreta e autora de *O Último Amante*, são muito cativantes e bem elaborados, um deles em torno de uma figura da nossa história da literatura, Florbela Espanca. Em “A minha vida com Bela”, talvez o mais instigante dos contos, a narradora descreve uma relação ambígua com a poeta e toda a história se passa entre Lisboa, onde vive, Alentejo e Algarve (Monchique e Portimão). Convidando-a para a sua casa de Monchique, a narradora vigia-a de forma possessiva, até descobrir a sua ligação com um misterioso advogado de Portimão. Além deste, Teresa Veiga inclui neste livro mais 3 contos, “O Último Amante”, “Canção do Lagarto Negro” e “Antes da Revolução”, cujo universo recompõe uma história de família em tempos e lugares diferentes e descrita com mestria, imaginação e humor. Na categoria da ficção breve, Teresa Veiga transforma o conto numa categoria maior.

A obra de Bruno Vieira Amaral, *Hoje estarás comigo no Paraíso*, vem confirmar a sua qualidade como um escritor que é hoje considerado uma das vozes mais representativas da nossa literatura. Após o seu primeiro romance *As Primeiras Coisas*, premiado nacional e internacionalmente, Bruno Vieira Amaral regressa à sua infância e constrói a sua própria memória a partir da investigação da morte do primo João Jorge, brutalmente assassinado no bairro em que viviam ambos no início dos anos 80. Reaparece aqui, de novo, o tema do bairro e das suas personagens, de Angola antes da Independência e nos anos seguintes, assim como os da estrutura familiar e o da figura dolorosa de um pai ausente. Socorrendo-se de vários materiais, desde os arquivos da imprensa da época aos judiciais, aos testemunhos de amigos e familiares, Bruno Vieira Amaral transforma tudo isso em dispositivo e material para construir a sua narrativa. Não se trata apenas da reconstituição do carácter e da própria vida da vítima e da noite em que tudo aconteceu, mas sobretudo de uma apropriação que o narrador faz da sua ligação com João Jorge. Podemos reconhecer na escrita de Bruno Vieira Amaral o aparecimento de temas que constituem ainda hoje as feridas, ainda por sarar, da nossa história e do colonialismo, que apenas alguns autores têm coragem de abordar, como são o caso de Dulce Maria Cardoso ou do escritor Vasco Curado. Também

nesta linha é de salientar o romance de Carlos Vaz Ferraz, *A Última Viúva de África* (Porto Editora), que relata a história de uma mulher portuguesa, Alice Oliveira, que parte para África, fugindo a um destino de mulher pobre num país dominado pela ditadura, que trabalha como informadora para os serviços secretos portugueses e que era, por isso, conhecida como a *Madame X*, e também por *Kisimbi* (a mãe), pelos mercenários que combatiam pela secessão do Catanga. Mulher misteriosa, a sua personalidade vai sendo desvendada pela narração. Ressuma aqui um amor profundo por um continente paradisíaco e do qual o autor soube dar todos os seus matizes.

José Eduardo Agualusa traz-nos *A Sociedade dos Sonhadores Involuntários*, num género a que já nos vem habituando a sua escrita inventiva. Trata-se de uma fábula satírica e divertida, que desafia as convenções e questiona a realidade, partindo da exploração do sonho e da sua importância enquanto instrumento de consciência e de transformação da sociedade. Se o jornalista angolano Daniel Benchimol sonha com pessoas que não conhece, a artista Moira Fernandes, radicada em Cape Town, encena e fotografa os próprios sonhos. E Hélio de Castro, um neurocientista brasileiro, filma-os. É, no entanto, Hossi Kaley, um antigo guerreiro, com um passado obscuro e violento, que tem com os sonhos uma relação mais estranha. E os sonhos juntam estas quatro personagens num país dominado por um regime totalitário à beira da ruína. Numa linguagem poética e ágil, Eduardo Agualusa é um exímio contador de histórias, cativando os leitores com o seu universo e a riqueza inventiva da sua linguagem.

João Pedro Porto traz-nos o seu quarto romance, *A Brecha*. Narrativa que toma os mitos da exploração e da história, mas também a epopeia, combina aqui, de forma original, o teatro, a ficção e a poesia, numa linguagem requintada. Tudo começa numa “noite de exagerado temporal, um misterioso homem encoberto brota do chão de Sagres. Desmemoriado e desnorteado, segue pela costa vicentina.”. O mote, que aqui é dado, oferece-nos o tom da narrativa, entre o ficcional e o surreal, o mítico e o histórico, o contemporâneo e o passado colectivo. Já Alexandre Andrade, sempre surpreendente, reaparece com um romance intitulado *Descrição guerreira e amorosa da cidade de Lis-*

boa (Relógio d'Água). Cruzando a mitologia anglo-saxónica com o quotidiano, numa narrativa imaginativa e em que a história e o contemporâneo se ligam.

Na obra de Mário Cláudio, *Os Naufrágios de Camões*, o narrador parte de um pressuposto que lhe teria sido transmitido por Timothy Rassmunsen: o de que o autor d'*Os Lusíadas* não teria sobrevivido ao naufrágio no delta de Mekong e que o capitão da nau onde viajavam, Bartolomeu de Castro, se teria feito passar por ele, dando continuidade à epopeia. Esta insólita hipótese, defendida nos escritos do explorador britânico Richard Burton, deixa Mário Cláudio surpreendido, mas decide transformar o seu interlocutor Timothy em figura de romance. A partir daqui nasce uma narrativa prodigiosa, como Mário Cláudio já nos habituou, cheia de peripécias e inventividade, construindo uma obra polémica, inteligente e intrigante.

Assombroso é o livro de Helder G. Cancela, *As Pessoas do Drama*, editado pela Relógio d'Água. Depois de publicar o excelso *Impunidade* (Relógio d'Água) em 2015, merecedor da atenção da crítica e finalista da APE, Helder G. Cancela reaparece com este romance, onde retoma o seu universo duro e uma história de suspender o fôlego.

Tudo parte, aqui, de um impulso visceral e de um gesto de sobrevivência, em que o universo ganha uma luz seca, que não (nos) ilumina, mas antes nos lança numa teia, arrastando-nos vertiginosamente à procura de uma explicação. Cancela coloca-nos sempre diante de um *inominável* – algo que se presente e se anuncia, mas nunca é dito – instalando-se nos limites da linguagem, nos gestos que substituem o que não é nomeado, mas que se encontra latente nessa incomunicabilidade das suas personagens. Helder G. Cancela mostra-nos um universo em que todas as relações entre as personagens se sustentam mais na visceralidade das pulsões e dos instintos do que nas ilusões que a sociedade nos quer impor. Nisso radica a dimensão transgressora e ousada do seu texto, uma tragédia que captura a sua escrita e é dela a sua força motriz, ao arrepio das narrativas convencionais, reflexiva e implacável, na sua forma de olhar o mundo, sem lançar qualquer juízo moral ou ético sobre as suas personagens. Ao mesmo tempo, há uma beleza avassaladora nesse desamparo, tão próximo dos planos cinematográficos de

Antonioni, cuja cinematografia é uma das suas fontes de inspiração.

Igualmente num patamar superior, destaco a obra de Rui Nunes, *Baixo Contínuo*. Num registo que se encontra entre a ficção e o poético, regressa aos seus *topoi*: a memória, a decadência, a morte, a linguagem, a perda da esperança. Se o título do livro nos remete para a ideia de composição musical, constituída por quatro andamentos, é justamente assim que devemos lê-lo. Não que esta composição seja melódica, muito pelo contrário, pois inscreve-se logo no seu início um desajustamento ou um “desconjuntamento” do corpo, que se quebra, como sintoma do desajustamento do próprio mundo. A solidão acomete todas as suas personagens, deixando ver a força da natureza por contraste. No universo de Rui Nunes tudo parece contaminado pela morte, mutilando a própria linguagem, deixando o homem entregue à sua condição de criatura.

A memória, nesse espaço em que se opera pela rememoração, é o grande escopro desta escrita, escavada por uma ausência, a de Deus, a ideia da catástrofe que se apresenta no horror da guerra, mas também na banalidade dos nossos dias, nos destroços, no lixo, nas sobras e nos gestos esvaziados de sentido.

Rui Nunes parte do fragmento para construir um texto como uma montagem cinematográfica, onde as suas personagens se confundem com os próprios personagens cinematográficos, desfazendo a narrativa e reinventando a linguagem como nenhum outro autor da língua portuguesa o faz actualmente. Na pontuação inesperada e que figura muitas vezes sozinha, nas frases inacabadas, na mancha diferenciada, onde os brancos alastram, persiste uma estranheza essencial, que desfaz a unidade, não apenas da língua, mas do próprio mundo. A violência implacável da sua linguagem, como também do seu universo, sustenta-se na convicção de que a literatura é uma tarefa altíssima, não se restringindo à mera narração de histórias, e que constrói um universo raro e singular, na sua voz. Dir-se-ia mesmo um universo sem paralelo na literatura portuguesa actual.

Literatura para crianças e jovens 2017

RUI MARQUES VELOSO¹

O ano de 2017 não diferiu substancialmente dos anteriores, verificando-se uma aposta clara nos álbuns estrangeiros, nas novelas e romances juvenis (especialmente os de aventura, segundo o modelo *blytoniano*, ou os que se inserem na literatura de mistério e suspense). Os prémios existentes em Portugal têm constituído uma montra muito interessante para avaliarmos o trabalho criativo dos nossos autores e as estratégias editoriais que definem as escolhas em função do mercado. Consideremos dez linhas de pesquisa sobre o que foi editado em Portugal ao longo de 2017.

1. O álbum

Sabendo nós que esta é uma área do mercado editorial em sólida expansão, não estranhámos que nos escaparates se apresentem muitos títulos, especialmente de autores estrangeiros; em contraponto, temos a Planeta Tangerina, com uma produção regular de qualidade e de afirmação, reconhecida em vários pontos do mundo, que aposta maioritariamente em autores portugueses.

¹ Escola Superior de Educação (Coimbra).

Refiro aqui dois álbuns, um nacional e outro de uma autora americana, que poderão representar uma amostra qualitativa do que de bom se ofereceu aos leitores.

Mana, de Joana Estrela, editado pela Planeta Tangerina, foi a obra vencedora da 1ª edição do Prémio Internacional de Serpa para álbum ilustrado. Com um discurso de 1ª pessoa, em jeito de carta, quase diríamos “para memória futura”, a narradora seleciona alguns eventos mais marcantes no difícil convívio com a personagem Mónica, irmã mais nova e fonte de conflitos, até chegar à perceção de que são duas histórias de vida que se entrecruzam, se completam e se consolidam com o amor que as une. Um texto depurado, complementado por uma ilustração aparentemente infantil, oferece ao leitor um olhar caloroso sobre a difícil arte de crescer e de compreender o mundo que o envolve.

Em *Se as maçãs tivessem dentes* de Shirley Glaser, editado pela Bruuá uma editora que teima em resistir apostando na qualidade, descobrimos o *nonsense* que uma oração condicional espoleta. O leitor aceita o desafio e o seu imaginário agradece o alimento; são muitas e diversificadas as propostas que incidem sobre objetos e animais para que ele perceba que a imaginação não tem limites. O gozo de estarmos num mundo de pernas para o ar é insuperável e permite ir para lá do livro e conceber outras situações possíveis ou impossíveis. A criatividade do leitor alimenta-se igualmente do trabalho gráfico do grande designer americano Milton Glaser que ilustra as propostas e respetivas soluções. Com pouco mais de cinquenta anos de vida, esta obra mantém a frescura inicial, o que prova o rigor intemporal do trabalho dos autores.

2. O conto

A narrativa breve ilustrada ocupa um lugar significativo no panorama editorial da literatura infantil. Em 2017, é editado pela Kalandraka um título de Tomi Ungerer que esperou cerca de meio século para chegar às mãos das nossas crianças. Como em muitos outros contos deste autor francês que só conhecemos tardiamente, a crítica social é recorrente. Em *Alumette*, uma re-

criação livre da *Menina dos Fósforos*, a narrativa dá-nos uma protagonista muito próxima da figurinha frágil do conto de Andersen que, em estado de extrema debilidade, risca os últimos fósforos para se aquecer pensando em todas as iguarias que viu, mas não pôde saborear. Enquanto no conto original a morte vai ao seu encontro, aqui, à meia-noite, tudo se altera com uma chuva incontrollável de tudo o que se poderia, ou não, imaginar. O que esperar de Allumette face a uma montanha de bens, desde comida a materiais de casa de banho? Dar a quem precisa. E é muito interessante como Ungerer mostra a clivagem social e a natureza camaleónica da autoridade política; por outro lado, acentua a força do movimento solidário que cresce e se espalha pelo mundo. E tudo isto temperado com um fino sentido de humor. As crianças precisam de heróis com os quais se identifiquem e de valores que construam o seu percurso de vida. O idioleto gráfico de Tomi Ungerer funde-se com um discurso narrativo enxuto, claro e com a dose certa de ironia.

Em *O Convidador de Pirilampos*, editado pela Caminho, o mais recente título de literatura infantil de Ondjaki, encontramos, em epígrafe, o registo da ideia original que desencadeou esta “história sem luz eléctrica”, como surge em subtítulo na folha de rosto. A Floresta Grande – a Natureza é um elemento recorrente nas suas narrativas, ora como elemento central, ora como entidade contextualizadora – vai aqui envolver avô e neto que fazem um percurso de descoberta e de aprendizagem, qual par pedagógico, na descoberta do mundo. Um avô discreto acompanha e alimenta a curiosidade do neto, dando toda a atenção às descobertas daquele menino que inventa mecanismos estranhos para poder *cientistar*. A área de pesquisa são os pirilampos, que ele separa em duas classes – os pirilampos jovens desejosos de aventura e os pirivelhos que não devem ser incomodados porque são contadores de histórias antigas. Com os jovens ele consegue estabelecer diálogo, graças ao código Morse, em noites especiais... e quando regressarem à sua floresta levarão coisas e cores novas para que os pirivelhos possam criar novas histórias. E o menino percebeu que se pode gostar do escuro.

3. A novela

A escolha de *A Janela de Kenny*, editado pela Kalandraka, é uma forma de fazer justiça a um autor que demorou demasiado tempo a conviver com as crianças portuguesas. Este foi o primeiro livro escrito e ilustrado por Maurice Sendak, onde revela já um imenso talento na criação de literatura infantil de exceção. O protagonista, Kenny, sonha com “um jardim, metade mergulhado na luz dourada da manhã e a outra metade na noite verde-escura”. Seria esse o paraíso que lhe permitiria saltar de um lado para o outro sem ter de ir para a cama. Nesse sonho um galo de quatro patas apresenta-lhe sete perguntas, cuja resposta correta seria a chave de entrada. Trata-se de um percurso iniciático que o leva a fazer escolhas entre o mundo do seu quarto que ele tão bem conhece e o mundo exterior contemplado da fronteira que é a janela. O sonho é o longe e o longe atinge-se pelo desejo, viajando num cavalo alado ou num barco que tenha um quarto para um amigo. Os diálogos espriam-se pelos sete capítulos, que mais não são do que sete degraus na descoberta de si próprio.

4. A narrativa gráfica

A novela gráfica, dirigida a um público preferencialmente juvenil, surge como um discurso alternativo para os mais renitentes à literatura e ao livro. No caso concreto de *O Diário de Anne Frank*, de Ari Folman e David Polonsky, editado em Portugal com a chancela da Porto Editora, convirá dizer que os seus autores tiveram um escrupuloso cuidado em respeitar o texto original, dentro dos limites possíveis para um suporte desta natureza. A articulação das tiras com textos integrais retirados do original é equilibrada e constitui um permanente convite à leitura deste. Constatamos a preocupação em mostrar o espírito ponderado de Anne, a sua visão poética do mundo, a sua inteligência fulgurante, os seus momentos de desespero, o seu profundo amor pelo pai, a reflexão entre um *antes* livre e um presente de clausura; os momentos mais negros surgem como sonhos, os momentos de namoro com Peter luminosos. A entrada de 1 de agosto de 1944, a última, é respeitada na íntegra e

associa-se a um desenho do olhar de Anne Frank envolto por numerosos rostos dela, cada um traduzindo os estados de espírito que marcaram aquela adolescente no tempo em que falou com o seu Diário, *Kittie*. O texto icónico não anula o texto verbal, antes joga num entrosamento coerente que torna esta novela um livro apetecível. Uma chamada de atenção para um posfácio e uma importante nota explicativa dos autores.

5. O romance

O Fabricante de Bonecas de Cracóvia, primeiro romance de R. M. Romero, publicado pela Editorial Presença, surpreende-nos pela capacidade de ligar a fantasia com a realidade. A invasão da Polónia em 1939 vai alterar a vida calma de um artífice especial, um fabricante de bonecas; a prepotência e a repressão dominam, mas a capacidade de lutar não desaparece. Uma boneca que, magicamente, ganha vida, ajuda aquele homem bom a salvar os seus amigos judeus. A ação decorre em dois mundos – o da boneca, um país belo invadido subitamente por ratazanas que tudo destroem e a obrigam a fugir, e o dos homens, tornado inferno pelo ódio criminoso dos nazis. A comparação é óbvia e o desenvolvimento da narrativa faz-se, sublinhando o absurdo da guerra e demonstrando aos jovens leitores que a amizade e a solidariedade que une as pessoas são os indicadores da nossa humanidade.

6. A poesia

O primeiro contacto que a criança trava com a literatura, em particular com a poesia, são as canções de embalar e as chamadas rimas infantis. É este património poético, onde as dimensões fónica e rítmica dos textos têm um peso muito marcante, que acompanha momentos significativos de uma vida de permanente descoberta, que apura a sensibilidade infantil primeiro para o significativo e mais tarde para o significado e para o sentido do texto lírico.

A Editorial Caminho apresenta-nos um novo e excelente trabalho de João Pedro Mésseder. Foi ele, entre nós, o primeiro poeta a tentar escrever *haicais* para crianças; a arte de em muito poucas palavras captar um momento fotográfico ou expressar momentos únicos vividos no seio da natureza é difícil e rara. *Olhos tropeçando em nuvens e outras coisas* tem como subtítulo “Haicais ou Quase”, precisamente porque o poeta tem pudor em assumir nestes textos a arte de Matsuo Bashô, ficando-se por um discreto “fazem lembrar haicais”. Captando momentos únicos e breves que o tocam, o poeta leva-nos a pensar e a partilhar o olhar sobre a Natureza, ora coberta de neve, ora de sol, deixando-nos “aturdidos de alegria”. No prefácio avança com o desafio para que o leitor experimente uma escrita criativa que traduza as suas vivências e a sua capacidade de criar texto. Será que teremos de reaprender a descobrir o real, ignorando o virtual dos ecrãs, e a valorizar as pequenas coisas em que o nosso olhar tropeça? Seria uma lacuna gritante, não referir o trabalho rigoroso de Rachel Caiano que ilustra cada poema com imagens sublimes e catalisadoras da fusão das duas linguagens.

Rita Tabora Duarte tem um percurso seguro e original nos títulos que publica para crianças desde 2006. Com *Animais e Anímenos*, lançado pela Editorial Caminho nas “Correntes de Escrita”, a autora explora todo o potencial semântico dos neologismos que se diverte a criar, desafiando os destinatários a partilhar da brincadeira ou, eles próprios, a explorar situações de puro gozo da linguagem, especialmente na sua vertente oral. Comparativos e superlativos entrelaçam-se numa teia de novas palavras estranhas destinadas a povoar o imaginário infantil; quando necessário, termos de comparação que oferecem a enormidade das coisas ou, pelo contrário, a infimidade dos elementos só visíveis na fantasia de “quem sonhos sonhava”. O recurso às palavras-mala, marcadamente antonímicas, como *elefantigas* ou *girafeus*, abre um espaço infinito para a criatividade linguística da criança e correlativo gozo da imaginação. O nonsense e o ritmo aliam-se num poema que vai ao encontro da expectativa do leitor.

7. O texto dramático

Os textos dramáticos para crianças são raros no panorama editorial português, já que, em termos comerciais, o retorno do investimento editorial é reduzido. A nível escolar confunde-se frequentemente a dramatização de um texto narrativo com o texto dramático, cuja génese tem como objetivo a sua encenação em espaço de representação. Será pois de saudar a reedição, em 2017, pela Assírio & Alvim, de *A Noite*, da autoria de Manuel António Pina, inicialmente publicado em 2001, aquando da representação pela Companhia Pé de Vento. O autor teve a preocupação em incluir no livro uma carta de intenções para a encenação. Trata-se de uma obra complexa, que exige uma leitura profunda, dada a sua carga simbólica. É já noite. Dois irmãos aguardam a vinda da mãe e à medida que o tempo passa sobrevém a angústia da ausência, ampliada pela perda do pai em contexto temporal idêntico. O passado e o presente entrelaçam-se, o real e o sonho confundem-se, o Céu e a Terra misturam-se na unidade narrativa, enfim, tudo está ligado a tudo. É esta extraordinária capacidade de ligar duas categorias da narrativa – espaço e tempo – que permite o respirar do texto e dar às personagens sua profunda dimensão humana, cheia de contradições, insegurança, fantasias, afetos. A atualidade do texto parece evidente.

8. A biografia

A editora Pato Lógico associou-se à Imprensa Nacional/Casa da Moeda para lançar uma coleção de biografias, tendo como referência o *Portugal de ontem, de hoje e de sempre através das vidas de quem o fez grande*. De assinalar a qualidade gráfica destes livros que indicia uma sensibilidade estética e um cuidado no design e na direção de arte marcantes.

Dos dois títulos lançados em 2017 – *Marquesa de Alorna*, *Querida Leonor* e *Antónia Ferreira, a Desenhadora de Paisagens* – opto por focar este último, que tem por autor João Paulo Cortim. Num século XIX, em que o estatuto da mulher, particularmente quando enviuvava, era secundarizado, Dona Antónia Ferreira é um caso exemplar de resiliência e de afirmação social.

Respeitada como mulher e como proprietária, hoje diríamos gestora, de um património que soube aumentar de forma consolidada e ciente de que não é possível evoluir sem informação que conduza a um conhecimento sustentado na área da produção vinícola, construiu uma paisagem que ilustra o que valem a força de vontade e o saber. Uma história de vida exemplar, na linha de tantas outras presentes nesta coleção excepcional.

Não poderia deixar de referir aqui uma obra magnífica, editada pela Kalandraka, que é a biografia de Frida Kahlo e que tem por título *Frida*. Com um rigor gráfico soberbo, a começar pela capa sedosa com o auto-retrato da pintora, e com as páginas ilustradas com as cores recorrentes dos quadros que a celebrizaram, folheamos o livro numa atitude quase ascética tal o envolvimento que nos prende à sua leitura e à contemplação das imagens. A receção é transversal a todos os níveis etários, oferecendo leituras múltiplas como desejariam os autores.

9. Os clássicos reeditados

É com profundo agrado que vejo a reedição de clássicos da literatura infantil e juvenil, lançados, por vezes, por várias editoras, o que nos garante a presença viva de textos que nos formaram, a nós e às gerações anteriores, para lá do prazer de constatar o recurso a bons tradutores e a uma excelente equipa gráfica, o que toca a inteligência e sensibilidade do leitor contemporâneo. A título de exemplo e sem querer ser exaustivo, surgiram no mercado, em 2017, reedições de *As Aventuras de Pinóquio* (Fábula), *As Aventuras de Tom Sawyer* (Fábula), *Charlie e a Fábrica de Chocolate* (Oficina do Livro), *Moby-Dick* (Guerra e Paz), *O Vento nos Salgueiros* (Relógio d'Água), *O Apelo Selvagem* (Bertrand), *Joanica-Puff* (Relógio d'Água), *Peter Pan* (Fábula), entre tantos outros.

10. Prémios atribuídos

Em 2017, foram atribuídos prémios a obras inéditas ou já publicadas o que permitiu, por um lado, a descoberta de novos

talentos (não esqueçamos que David Machado ou Afonso Cruz se revelaram em concursos desta natureza), por outro o reconhecimento público de um valor ativo. Assim, o júri da Sociedade Portuguesa de Autores escolheu como melhor livro infanto-juvenil *De umas coisas nascem outras*, da autoria de João Pedro Mésse-der e ilustração de Rachel Caiano. Por seu turno, o júri do Prémio Branquinho da Fonseca (Expresso/Gulbenkian) escolheu *A Construção do Mundo*, de Fábio Monteiro, em literatura infantil, e *Coisas que Acontecem*, de Inês Barata Raposo, em literatura juvenil, como os melhores. Em Almada, o Prémio Maria Rosa Colaço foi atribuído a Ana Lázaro, com a obra *Pescadores de Nuvens* e na Trofa, o Prémio Matilde Rosa Araújo foi entregue a *Senhor Rimas*, de Sandra Santos. Em Serpa, o júri nomeado pela respetiva Câmara Municipal escolheu o livro *Mana* de Joana Estrela. Por último, o prémio mais valioso em termos monetários, Prémio Pingo Doce, foi atribuído a *Há monstros no túnel*, da autoria de Diogo Pécurto, com ilustrações de Maria Isabel Santos Silva.

É fundamental que a informação crítica sobre a edição da literatura de receção infantil e juvenil tenha a devida divulgação para que os critérios de escolha do cidadão comum, assim como de profissionais de áreas mais sensíveis, como são o caso de professores e funcionários de livrarias, lhes permitam fazer escolhas sustentadas.



FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

Esta publicação foi financiada por Fundos Nacionais através da
FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito
do Projecto «UID/ELT/00077/2019»